

Festividades artísticas e culturais como foco das organizações de imigrantes: da manutenção das raízes à produção de novos significados

Artistic and cultural festivities as the focus of immigrant organizations: from the roots maintenance to the production of new meanings

CAMILA ESCUDERO

RESUMO

Sabe-se que as organizações, grupos e associações de imigrantes têm diferentes prioridades, metas, estruturas e ideologias. Algumas focam os direitos dos imigrantes; outras, questões laborais; outras, aspectos religiosos, etc. Neste artigo, detemo-nos a analisar entidades de caráter artístico e cultural formadas por imigrantes latino-americanos em duas grandes cidades: Chicago (EUA) e São Paulo (Brasil). Nossos objetivos foram verificar: 1) a presença desses grupos nas cidades; 2) as formas de organizações migratórias; 3) as propostas e tipos de atividades desenvolvidas; e 4) os sentimentos de solidariedade e/ou reconhecimento envolvidos. As técnicas de pesquisas utilizadas foram: observação sistematizada e entrevistas semiestruturadas. Entre os principais resultados, destacamos que a partir da participação dos imigrantes em festividades artísticas, folclóricas e culturais, múltiplas formas de pluripertencimento se afluam, alavancando a manifestação de sentimentos (manutenção, reavivamento ou ressignificação) de conexão entre os sujeitos, revelando a defesa de interesses partilhados e produzindo novos significados.

Palavras-chave: Organizações de imigrantes, Atividades artísticas e culturais, Pluripertencimentos, Identidade cultural.

ABSTRACT

We know that immigrant organizations, groups and associations have different priorities, goals, structures and ideologies. Some of them have focus on the rights of immigrants, others on labor issues, others on religious etc. In this article, we analyze artistic and cultural entities formed by Latin American immigrants in two big cities: Chicago (USA) and São Paulo (Brazil). Our objectives were to verify: 1) the presence of these groups in the cities; 2) the forms of migratory organizations; 3) the proposals and types of activities developed; and 4) the feelings of solidarity and/or recognition involved. The research techniques used were: systematic observation and semi-structured interviews. Among the main results, we highlight that from the participation of immigrants in artistic, folk and cultural festivities, multiple forms of pluri-belonging appear, leveraging the manifestation of feelings (maintenance, revival or resignification) of the connection among the subjects, showing the defense of shared interests and producing new meanings.

Keywords: Immigrant organizations. Artistic and cultural activities. Pluri-belonging. Cultural Identity.

INTRODUÇÃO

Rocha-Trindade (2010) estabelece o conceito de “itinerário migratório” ou “percurso migratório” para caracterizar e classificar o conjunto cronológico e espacial de passos, ações ou situações dados ou experimentados por um indivíduo migrante com relevância para o processo em que se encontra envolvido. Resume-se a cinco etapas:

A intenção de partir: para a qual conflui um conjunto de dados, tais como a informação recebida sobre os locais de destino, a insatisfação com a situação presente, a formulação de expectativas de futuro, o balanço de alternativas para uma tomada definitiva da decisão que vier a ser tomada.

Os preparativos da partida: em que a intenção começa a se concretizar e inclui todo o conjunto de passos que têm que vir a ser dados para a sua completa concretização: obtenção de documentos (se necessários) e cumprimento das diversas providências a serem tomadas, que digam respeito ao emprego, aos compromissos eventualmente assumidos, às obrigações de natureza familiar, entre muitas outras.

A viagem: considerada simbolicamente como a ponte que permite a ligação entre os dois espaços que balizam a origem e o destino e que tem sido uma das etapas do percurso que mais modificações tem sofrido ao longo dos tempos em que as deslocções se têm processado, pelas simplificações progressivamente introduzidas nas novas modalidades de as realizar.

A instalação: reveste em regra um caráter transitório, embora de duração muito variável. Cada migrante passa a ser confrontado com uma multiplicidade de novas situações, e só a capacidade individual de ultrapassar as dificuldades que necessariamente se lhe deparam e as condições que se lhe oferecem para fazê-lo poderão condicionar o maior ou menor esforço com que poderá ser capaz de as diluir ou mesmo de as vir a superar. Das decisões de natureza prática e dos conflitos emocionais que necessariamente nela têm lugar resultam os caminhos que irão ser tomados pelos migrantes nas longas e difíceis travessias que integram este período e da forma como for vivido depende a etapa que se lhe segue.

A fixação: com caráter permanente, eventualmente consagrada pela opção de uma instalação definitiva, que não exclui uma eventual naturalização, não constitui a única opção que pode vir a ser tomada (ROCHA-TRINDADE, 2010, p. 42-43).

Ainda de acordo com a autora, é nestas duas últimas etapas do processo acima descrito que nascem formas de luta contra o isolamento do imigrante. Além disso, ao longo de todo o itinerário imigratório aparecem estratégias, por parte de quem o percorre, traduzidas pela procura de espaços de solidariedade, onde se espera vir a encontrar situações de proximidade que ofereçam condições para quem queira conviver. “Destá forma, é sempre bem vindo encontrar uma ocasião para que a troca de impressões aconteça, em que se possam produzir afirmações ou assumir recusas” (ROCHA-TRINDADE, 2010, p. 43).

Verifica-se, nesse sentido, a existência no cotidiano de múltiplos arranjos migratórios identitários. Neles, várias formas de pluripertencimento afluam, alavancando uma manifestação de minorias — condição assumida por pessoas em situação de deslocamento — que evocam sentimentos (manutenção, reavivamento ou ressignificação) de conexão com o lar de origem e destino, com o passado e o presente, com o social e o subjetivo.

Adotamos neste trabalho o conceito de minoria de Appadurai (2009). Segundo o autor, as minorias são produtos de estatísticas, censos e mapas populacionais, criados pelos modernos

estados-nação, a partir do século XVII. Compõem uma categoria social e demográfica recente e produzida historicamente nas circunstâncias específicas de cada nação e de cada nacionalismo, pelas elites de estado ou líderes políticos. Geralmente, são de ordem numérica, cultural, política, econômica, étnica e de gênero.

Nenhuma nação moderna, por mais benevolente que seja seu sistema político, e por mais eloquentes que sejam suas vozes públicas sobre as virtudes da tolerância, do multiculturalismo e da inclusão, está livre da ideia de que sua soberania nacional se baseia [...] em um único ethnos nacional, produzido e neutralizado a um grande custo, por meio da retórica da guerra e do sacrifício, de exaustivas regras de uniformização educacional e linguística e da subordinação de milhares de tradições locais e regionais (APPADURAI, 2009, p. 14-15).

Voltando à questão dos múltiplos arranjos migratórios identitários, na prática eles são diversos e têm se expandido para além de aspectos culturais, trabalhistas, de direitos humanos, civis e políticos, religiosos etc. No geral, eles costumam apresentar um aspecto positivo e um negativo. O positivo é que produzem uma consciência através da identificação com a história, a cultura, a política e demais forças, mundialmente; o aspecto negativo é que se constituem em experiências de discriminação e exclusão. “Na experiência diaspórica, a copresença do ‘aqui’ e do ‘lá’ é articulada com uma antilógica temporal. A história linear é quebrada, o presente é constantemente mostrado pelo passado que também é desejado, mas obstruído como o futuro: renovado, dolorosamente ansiado” (CLIFFORD, 1994, p. 318).

Neste artigo, deter-nos-emos a analisar as organizações, grupos e associações de imigrantes de caráter artístico e cultural formados por imigrantes latino-americanos em duas grandes cidades: Chicago (nos Estados Unidos, com cerca de 2,7 milhões de habitantes, de acordo com *census data* de 2010) e São Paulo (no Brasil, com aproximadamente 11,2 milhões de habitantes, conforme o Censo 2010 do IBGE). A partir de observação sistematizada (GIL, 2008) e entrevistas semiestruturadas (DUARTE, 2011) trabalhamos com 28 entidades cívicas e organizações envolvendo imigrantes mexicanos e brasileiros em Chicago, bem como latinos (paraguaios, chilenos, peruanos, argentinos e bolivianos) em São Paulo, que se destacam por terem diferentes prioridades, metas, estruturas e ideologias. Algumas focam os direitos dos imigrantes, outras se dedicam a questões laborais, outras a aspectos religiosos, e assim por diante. Porém, no geral todas estão envolvidas, cada uma a seu modo, com festividades latinas em ambas as cidades, entre elas: música e dança, comidas típicas, folclore, artesanato, cinema, literatura,

celebrações (festas de independência e datas comemorativas dos países) etc. Nossos objetivos foram verificar: 1) a presença desses grupos nas cidades; 2) as formas de organizações migratórias; 3) as propostas e tipos de atividades desenvolvidas; 4) os sentimentos de solidariedade e/ou reconhecimento envolvidos.

Partimos da hipótese de que, ao fazer uso de identidades múltiplas, sentidos de pertencimento e lealdade (*‘allegiance’*) e de repertórios culturais, tais ações costumam resultar em novas formas de participação cidadã que transformam profundamente a vida dos imigrantes, familiares e das pessoas que estão a sua volta, no território de acolhida ou de recepção. Envolvem esferas políticas e sociais tradicionais, mas inovam na instituição de espaços entre fronteiras, físicas e subjetivas, estatais ou culturais, reais ou virtuais, motivadas, por exemplo, por sentimento de solidariedade e/ou reconhecimento.

Acreditamos que o reconhecimento do “outro” possibilita a efetivação de relações de contato e troca cultural em grupos diferentes. Além disso, ao participarem de movimentos coletivos, pelos quais são revelados e defendidos interesses partilhados, a vida é, de algum modo, compartilhada, e novos significados podem ser produzidos (CASTELLS, 1999, p. 79).

AS ASSOCIAÇÕES DE IMIGRANTES NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO

Bada (2014) chama de “*Hometown Associations*” (*HTAs*) as organizações formadas a partir de interesses de participação dos imigrantes que envolvem tanto a sociedade de origem como a de destino. Em uma genealogia do surgimento desse tipo de agrupamento de imigrantes mexicanos em Chicago, a autora verifica que o nível mais básico de organização de imigrantes inclui quatro aspectos: laborais, religiosos, culturais e de direitos civis.

Especificamente no caso das *HTAs* estudadas por Bada, que começaram a surgir na cidade em 1930, ainda que elas tenham diferentes prioridades, objetivos e ideologias, verifica-se uma predominância de dois tipos de atividades atualmente: 1) a mobilização para a legalização de imigrantes em situação irregular; 2) a busca de soluções para os problemas inerentes à residência no novo território: educação, saúde, cultura, habitação, entre outros.

As organizações de migrantes mexicanos têm existido em Chicago ao longo do século 20, com diversas agendas, desde 1930. Elas se apresentam como organizações comunitárias, grupos católicos, organizações de ajuda mútua,

comitês cívicos e grupos de justiça social, mantendo heterogêneas agendas sociais (BADA, 2014, p. 13 – Tradução nossa).

Além disso, descreve a autora que este tipo de mobilização envolve, principalmente, a primeira geração de imigrantes. “Alguns estudos anteriores que exploram práticas transnacionais envolvendo a segunda geração de imigrantes concluem que não há evidências de que tais práticas serão mantidas pelos filhos dos imigrantes, pelo menos não com a mesma intensidade” (BADA, 2009, p. 22). Outra característica apontada é a heterogeneidade dos membros das HTAs, que, apesar de compartilharem nacionalidade, fé e hábitos culturais em comum e outras questões vinculadas ao país de nascimento, apresentam inúmeras diferenças externas e internas no que diz respeito a níveis econômicos, educacionais, ideológicos etc.

Uma das funções mais importantes das HTAs é a preservação da cultura, tradições e valores da família e sua transmissão para a segunda geração[...].

Para eles, o significado da família e do passado está em constante evolução depois da chegada a Chicago, como a sua nostalgia de lugares, cheiros e memórias de infância que inclui, gradualmente, ambas as reminiscências da vida rural do passado e apegos emocionais para sua nova habitação urbana (BADA, 2014, p.74 – Tradução nossa).

O caso dos grupos mexicanos apresentou algumas características diferentes dos demais latinos, acreditamos, relacionadas à essência única da migração entre o México e os Estados Unidos por conter três características, segundo Durand e Massey (2003): historicidade, massividade e vizinhança, interligadas em um processo dinâmico e em constantes transformações. Trata-se de uma condição secular (historicidade) e, em termos numéricos, é a migração contemporânea com fluxos mais altos em todo o mundo (massividade). Entre os motivos destacados pelos autores, é a posição geográfica dos dois países (vizinhança) — ressaltada até no clássico *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano (2005)¹ — que mais influencia o fluxo. Hoje, a população hispânica é a “maior minoria” nos Estados Unidos, superando os afro-americanos. Além disso, não existe emigração mexicana (pelo menos em fluxos numéricos considerados) para outros países, apenas para os Estados Unidos.

O fato é que a imigração mexicana para os Estados Unidos constituiu uma situação única para entendermos como, em um mundo globalizado, com crescentes e infinitas desigualdades, o processo de socialização do imigrante se dá em espaços que experimentam um constante

¹ Ao descrever a situação de exploração econômica do México por parte dos EUA, diz Galeano (2005, p. 158): “Coitado do México! Tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos”.

movimento de capital, bens e pessoas que proporcionam sentimentos de segurança e estabilidade para as identidades pessoais.

Os espaços utilizados pelos imigrantes para celebração de datas comemorativas e tradições proporcionam o compartilhamento de experiências entre os indivíduos, a comunidade e a sociedade local ao longo do tempo de maneira capaz de criar o sentimento de pertencimento do sujeito e do grupo (BADA, 2014, p. 75 – Tradução nossa).

O mesmo não acontece com outras nacionalidades, ainda que se estabeleçam no mesmo local e encontrem as mesmas estruturas. Apenas para se ter uma ideia, pesquisa prévia nossa revelou a existência de 600 organizações de imigrantes mexicanos em atividade na cidade em 2015/2016. Tal quantidade e proliferação dessas entidades estão relacionadas a vários fatores, entre os quais à posição estratégica dos Estados Unidos como maior receptor de imigrantes no mundo. Em 1990, o país tinha 19,8 milhões de imigrantes. Este número cresceu a um recorde de 40,7 milhões de imigrantes em 2012².

Ainda que tais organizações venham obtendo resultados práticos favoráveis, especialmente no que diz respeito aos direitos civis dos imigrantes, sabe-se que a situação do mexicano — e latinos em geral — em todo o território dos Estados Unidos é extremamente difícil e inclui exploração econômica, discriminação social e preconceito, ações xenófobas e de violência física por parte do Estado, legislação restritiva etc.

Tal estrutura organizativa não se repete nos demais países, especialmente da América Latina. Outros estudos (BADA, 2014; ESCUDERO, 2007) mostram que o grau de organização, sofisticação e expansão dessas organizações está relacionado com o tipo de inserção na sociedade de acolhida e oportunidades de acesso a estruturas locais dos imigrantes e seus líderes. Em uma cidade grande como Chicago, há ainda outros fatores que contribuem para o desenvolvimento dessas organizações: o grande número de imigrantes mexicanos e a existência de organizações e fundações de base comunitária, a localização estratégica de aeroportos internacionais, qualidade

² Hoje, existem quatro estados que abrigam o maior número de pessoas estrangeiras nos Estados Unidos: Califórnia, New York, New Jersey e Florida. O Estado de Illinois (onde está Chicago) é um dos 15 do país com maior número de imigrantes em sua população (ocupa o 10º lugar no *ranking*). De acordo com estatísticas do *Pew Research Center's Hispanic* baseadas no *Census Bureau's 2012 American Community Survey (ACS)*, em 2012 os imigrantes representavam 13,8% da população de Illinois. Deste total, 33,8% viviam em Chicago (capital do Estado), sendo que a maioria era oriunda da América Latina (56,2% — deste número, só os mexicanos representam 45%), seguida da Ásia (20,4%), Europa (18,9%, sendo que 8% são apenas de poloneses), África (3,4%) e outros (1,1%). Fonte: ICIRR.ORG. Acesso em: 07 jan. 2016. Disponível em: <<http://icirr.org/sites/default/files/fact%20sheet-demography%202011.pdf>>.

do transporte público e o fácil acesso às tecnologias de comunicação, como telefone, internet, aparelhos de fax etc.

Além disso, no final de 1980, o Estado mexicano mudou sua política migratória, passando a incorporar os emigrantes também. “Em 1991, Carlos Salinas [ex-presidente] encontrou-se com o prefeito de Chicago, Richard M. Daley e a comunidade de expatriados mexicana de West Side, no bairro de Little Village, a capital mexicana do Centro-Oeste” (Bada, 2014, p. 04 – Tradução nossa). Desde então, o governo mexicano implementou novos programas e políticas para incorporar as diásporas mexicanas. É como já afirmava Willems na primeira metade do século XX:

Da proporção em que o imigrante incorpora os valores novos, dependerá o papel que lhe será atribuído na sociedade adotiva. É inútil dizer que tais reajustamentos nunca dependem exclusivamente do imigrante, mas em grande parte da intensidade das atitudes etnocêntricas que venha a encontrar no novo meio (WILLEMS, 1946, p. 14-15).

O mesmo não ocorre, por exemplo, com os brasileiros que migram para Chicago. Pesquisa nossa prévia no local mostrou que existiam, em 2015/2016, 15 entidades que reuniam brasileiros na cidade. O Itamaraty estima que, em 2011, eram 1,3 milhão de brasileiros vivendo nos Estados Unidos; desses, 80 mil estavam localizados na região metropolitana de Chicago³. Infelizmente, não encontramos informações mais detalhadas sobre o processo de imigração desses brasileiros para Chicago (como estados de origem, grau de escolaridade, perfil socioeconômico etc.). Achamos apenas um pequeno texto sobre o tema que reproduzimos aqui, apesar de não estar clara a fonte dos dados utilizados:

Os primeiros brasileiros de Chicago incluem uma pequena diáspora do Sul e Leste europeu que, depois de fugirem do continente devastado pela Segunda Guerra Mundial para o Brasil, contornaram as leis de imigração americanas restritivas para se estabelecer em Chicago. A partir do final dos anos 1940 até os anos 1950 esse grupo [...] gravitava em torno de comunidades de Chicago [...]. A partir disso, a pequena população de outros brasileiros em Chicago no pós-guerra foi em grande parte transitória, não sendo encontrada nenhuma comunidade brasileira desenvolvida até o início dos anos 1970.

³Fonte: ITAMARATY.GOV.BR. Acesso em: 06 jan. 2016. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/Brasileiros%20no%20Mundo%202011%20-%20Estimativas%20-%20Terceira%20Edicao%20-%20v2.pdf>>.

A partir de meados da década de 1960, um pequeno, mas crescente fluxo de brasileiros procuraram (sic) melhores condições de vida, migrando para Chicago. Enquanto a maioria dos homens solteiros retornou ao Brasil dentro de alguns anos, as famílias tenderam a se estabelecer na cidade por períodos mais longos, surgindo a primeira comunidade brasileira de Chicago. Os homens muitas vezes trabalhavam nas indústrias, enquanto muitas mulheres se juntavam aos seus maridos nas fábricas ou ficavam responsáveis pelo trabalho doméstico. [...]. Os brasileiros em Chicago nunca se concentraram em um único bairro [...]. A partir de meados da década de 1980 e ao longo da década de 1990, a imigração brasileira para os Estados Unidos disparou em números, estimulada pelas crises econômicas no Brasil. Mas, enquanto cidades como Nova York podiam gabar-se de receber dezenas de milhares de brasileiros no fim de 1990, os brasileiros de Chicago são agrupados em não mais do que alguns milhares. Este novo grupo, que continuou a chegar a partir do novo milênio, diferiu de ambas as comunidades brasileiras americanas maiores e anteriores em Chicago por seu maior nível educacional e melhores condições financeiras. Muitas dessas pessoas eram profissionais qualificados que foram transferidos para Chicago por seus empregadores brasileiros, enquanto outros vieram para suprir a escassez de mão de obra nas áreas de enfermagem e engenharia de software (POTER, 2005, [s/p] – Tradução nossa).

Provavelmente por causa do baixo número de grupos organizados de brasileiros em Chicago e pelo fato de eles não estarem concentrados em apenas um lugar — como os mexicanos em Pielsen, os gregos em Greektown e os chineses em Chinatown, por exemplo —, é difícil reconhecer, na cidade, a presença cultural brasileira. Há alguns restaurantes com comida típica (como feijoada, coxinha ou bobó de camarão), churrascarias e algumas festas (nos períodos de Carnaval ou 7 de setembro). De início, é possível dizer que estas organizações têm atuação limitada a partir de iniciativas individuais, porém exercem papel relevante no fortalecimento dos laços de amizade, familiaridade e união dos envolvidos, bem como a celebração de suas origens.

Já no Brasil, as primeiras organizações de imigrantes têm origem na conhecida “grande corrente migratória”, ou seja, o período que compreende desde o fim do século XIX (a partir de 1870) até a década de 1960, quando entraram no país cerca de 4,5 milhões de estrangeiros, entre europeus, japoneses e pessoas de outras nacionalidades. As próprias políticas migratórias do país dessa época — como, por exemplo, a necessidade da “carta de chamado”⁴ e o sistema paternalista verificado nas relações trabalhistas da época (LAHMEYER LOBO, 2001;

⁴ O decreto nº 19.482 de 1930 limitava a entrada de trabalhadores estrangeiros àqueles que tivessem as “cartas de chamada”, emitidas por parentes a famílias de agricultores com colocação certa; ou indivíduos, associações ou empresas ou que tenham sido solicitados pelo Ministério do Trabalho ou por autoridade competente.

OLIVEIRA, 2003; PASCAL, 2005) — mostram a rede social e os laços solidários envolvendo os estrangeiros de diversas nacionalidades que chegavam ao país.

[...] esses imigrantes eram ajudados por vastas redes sociais de parentes e amigos, que serviam de apoio para circulação e informação, formando uma base de acolhimento e aculturação dos estrangeiros no país (PASCAL, 2005, p. 83).

Eles [os imigrantes] criaram importantes laços de união em seus grupos, principalmente através de clubes, associações e igrejas. Em alguns casos, fundaram escolas para ensinar a seus descendentes a língua e a cultura natal. [...] conseguiram retomar a vida associativa e deram novo impulso às comunidades (FREITAS, 1999, p. 52).

São conhecidas e atuantes, até os dias de hoje, sociedades e clubes recreativos envolvendo diversas nacionalidades criados ao longo do século XX para convívio dos imigrantes com seus compatriotas. Com relação aos imigrantes de origem latino-americana, não há um número oficial sobre a quantidade dessas organizações existentes, até mesmo porque constituem processos migratórios mais recentes, como o caso dos bolivianos, peruanos e haitianos estabelecidos no país. Na virada do século XX para o XXI, pode-se dizer que o Brasil passou a viver uma nova fase no que diz respeito a migrações internacionais, devido a rearticulações no país com a reestruturação econômica mundial. O foco deixou de ser a emigração de brasileiros para os países desenvolvidos, passando a ser a entrada no país na rota das imigrações internacionais contemporâneas. Baeninger (2012) destaca a importância da Bolívia na entrada dos novos imigrantes no Brasil e a inserção do país no cenário latino-americano das migrações.

[...] nota-se que, nos últimos trinta anos, o país vem se configurando como área de expansão das migrações latino-americanas, reforçando as modalidades de tipo fronteiriço – como são os casos com os países do Mercosul[...] e também com a Colômbia e a Venezuela; as migrações em direção às áreas metropolitanas, como no caso dos bolivianos, paraguaios e peruanos [...]; e as migrações intrarregionais com países não-limítrofes, como os chilenos (BEANINGER, 2012, p. 15).

Sobre a modalidade das migrações latino-americanas de e para o Brasil, Baeninger (2012, p. 15) esclarece que com a Argentina há uma evasão decrescente com mobilidade de mão de obra qualificada entre as metrópoles; com o Paraguai, há também uma evasão decrescente, porém com o incremento da imigração paraguaia para o Brasil; com a Bolívia, há uma recepção crescente,

incluindo-se intensa circulação entre os espaços da migração na origem e no destino; com o Chile, uma recepção crescente de mão de obra qualificada; com o Peru, Uruguai e Colômbia, o incremento da imigração; e com a Venezuela, uma intensa mobilidade fronteiriça.

Alguns trabalhos no Brasil vêm avançando no sentido de identificar a atuação das organizações desses imigrantes latinos. É o caso de Daniel (2013), sobre a experiência de imigrantes peruanos no Rio de Janeiro; de Sidney A. Silva (2006 e 2012) sobre os bolivianos em São Paulo; e de Cogo (2012 e 2014), sobre os haitianos, suas redes migratórias e uso das TICs.

Os consulados e embaixadas dos países latino-americanos costumam divulgar, em suas páginas oficiais na internet, listas com nomes e endereços de entidades e organizações que reúnem imigrantes das nacionalidades envolvidas. Além disso, as redes sociais, como Facebook, vêm se tornando uma importante ferramenta para divulgação e contato dessas organizações.

Outra ação que tem revelado resultados importantes, de ordem prática, na integração, reunião e organização de imigrantes estrangeiros no Brasil, são as atividades desenvolvidas pela Igreja Católica, no âmbito das Pastorais do Imigrante, Cáritas Brasileira — organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) —, Centro Scalabriniano de Promoção do Imigrante (Cesprom), vinculado à Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas, entre outras.

PRINCIPAIS RESULTADOS

Uma vez constituído o grupo em torno da manifestação artística e cultural envolvida, a estrutura formada para atuação tem inúmeras variações, sendo difícil descrever com exatidão todas possíveis. A partir das encontradas, podemos organizá-las em três tipos principais:

Grupos estruturados: com alto grau de profissionalismo e organização envolvidos, costumam ter registro formal (seja empresarial, estatutário como organização não-governamental etc.), sede própria e quadro amplo de membros (entre funcionários, voluntários e/ou colaboradores em geral), seguindo hierarquia particular, geralmente com o idealizador do grupo na posição de liderança. Mantêm-se a partir do gerenciamento de recursos financeiros obtidos com a venda de ingressos das apresentações, dos produtos (no caso dos artesanatos, comida etc.), de cursos ministrados, e, em alguns casos, de apoio de patrocinadores, incluindo grandes empresas. Têm veículos de comunicação, entre eles *sites*, panfletos e revistas, principalmente, e parcerias com veículos de comunicação locais (jornal e rádio).

Grupos semiestruturados: são organizados formal ou informalmente e podem ou não possuir sede própria (as reuniões, ensaios, confecção de produtos etc. podem ocorrer num pequeno espaço alugado e/ou na casa de algum membro, de uma igreja ou clube parceiro etc.). Tem um quadro modesto de membros, sendo a maioria de voluntários, e uma divisão hierárquica a partir das funções (um membro é o tesoureiro, outro o responsável pela divulgação etc.). Possuem, pelo menos, um veículo de comunicação (*sites* e panfletos são os mais utilizados). Também é mantido com recursos financeiros obtidos a partir da venda de ingressos das apresentações, da venda dos produtos (no caso dos artesanatos, comida etc.), de cursos ministrados etc.; eventualmente, contam com patrocínio de alguma pequena empresa local.

Grupos não-estruturados: são organizados de maneira informal, no geral a partir da iniciativa de seu líder. Não possuem sede própria, sendo as reuniões, ensaios e produções realizados na casa de algum membro, em cafés, restaurantes e até praças públicas. Contam apenas com membros-voluntários, sendo o papel do líder crucial para a realização das atividades. Utilizam uma página nas redes sociais (Facebook, por exemplo) como veículo de comunicação. Os poucos recursos financeiros para manutenção são conseguidos a partir da venda de ingressos das apresentações, da venda dos produtos (no caso dos artesanatos, comida etc.), de cursos ministrados etc.; neste caso, é muito comum os próprios membros doarem dinheiro para o grupo utilizar com transporte, matéria-prima, compra de instrumentos, figurinos etc.

As organizações formadas a partir da reunião de imigrantes costumam contar com o reconhecimento da sociedade de acolhida, ainda que nem sempre tal convivência seja livre de conflitos e/ou preconceitos. Em grandes cidades como São Paulo ou Chicago, os próprios bairros onde se localizam estas instituições ou residem grupos de estrangeiros costumam ser alvo de segregação, isolamento e ações violentas. No caso das festividades artísticas e culturais estudadas, entretanto, verificamos uma relação pacífica e positiva para ambas as partes, bem como o interessante uso de espaços públicos por imigrantes, como ruas, parques, praças, museus etc.

Em alguns casos, tal associativismo pode contar até com ajuda do Estado de origem e de destino. O governo mexicano tem um programa pioneiro de apoio a organizações de emigrantes mexicanos nos Estados Unidos, chamado “Três por um”.

Nas últimas duas décadas, o governo mexicano tem tentado incorporar a comunidade de emigrantes que vivem nos Estados Unidos através de programas destinados a preservar sua lealdade para com suas cidades natais e reconectá-los com suas raízes. Entre os programas mais bem-sucedidos, está o Três por

um, elogiado como um modelo inovador para canalizar as remessas coletivas dos migrantes para várias comunidades rurais na construção de infraestrutura básica e financiamento de microempresas. Uma década depois da implementação inicial, o programa estimulou uma discussão vigorosa que oferece uma visão sobre o papel dos migrantes organizados e suas remessas coletivas no desenvolvimento rural e os efeitos de retorno político desses novos compromissos para melhorar a qualidade da democracia no México (BADA, 2014, p. 09 – Tradução nossa).

Já algumas ações do governo do Estado de Illinois têm reconhecido oficial e formalmente a contribuição dos imigrantes mexicanos na sociedade local, no que diz respeito a tradições, cultura, música e história, proporcionando a visibilidade das HTAs mexicanas em Chicago. Um exemplo é o festival de música de verão realizado anualmente no *Millennium Park*, um dos maiores parques da cidade, localizado na região central. A programação costuma ser extensa, e a cada dia um tipo de música é apresentado no *Jay Pritzker Pavilion* (espaço dentro do parque destinado a esse tipo de evento). A entrada é franca para o público, e os grupos artísticos são contratados — em uma parceria entre governos estadual e municipal — para se apresentar. Em 2015, o evento — batizado de *Downtown Sound* — destinou vários dias de concertos à música mexicana. Outro exemplo é dado por Bada (2014, p. 20 – Tradução nossa):

Durante as comemorações do bicentenário de Independência do México, o prefeito Daley declarou 2010 como o ‘Ano do México’ em Chicago, e a cidade comemorou a sua herança mexicana em 16 de setembro, iluminando os edifícios em todo o horizonte de Chicago com as cores da bandeira mexicana — uma tradição que começou em 2005 graças aos esforços de várias organizações dirigidas por migrantes.

Em São Paulo, a iniciativa do Museu do Imigrante de São Paulo, instituição mantida pelo governo do Estado, de promover a Festa do Imigrante, é um indicativo de reconhecimento oficial. O evento chegou a receber, na sua edição de 2016, cerca de dez mil pessoas por dia. Outro exemplo na capital paulista é a festa Fé & Cultura, organizada pela Associação Cultural Folclórica Bolívia Brasil, há mais de dez anos, para celebrar a Independência da Bolívia, comemorada no dia 6 de agosto. O evento é realizado no Memorial da América Latina e, segundo dados divulgados⁵, a edição de 2015 reuniu cerca de 30 mil pessoas. Há um esquema de apoio da Polícia Militar e agentes de trânsito e participação de políticos e autoridades. Na edição

⁵ Fonte: MEMORIAL.ORG.BR. Acesso em: 20 jan. 2016. Disponível em: <http://www.memorial.org.br/2015/08/bolivianos-fazem-festa-da-independencia-no-memorial/>.

de 2015, o então prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, foi um dos participantes. Vestindo uma camiseta da campanha “Eu amo a Bolívia”, declarou:

São Paulo é a terra da imigração, temos comunidades de todos os continentes do mundo. Nossos vizinhos bolivianos não poderiam ficar em desvantagem em relação a todos que escolheram a cidade para morar [...]. Sou filho de imigrantes. São Paulo recebeu o meu pai de braços abertos. Como prefeito eu gostaria de garantir os mesmos direitos ao povo boliviano⁶.

Além disso, outros eventos latinos já fazem parte do calendário oficial da cidade, como a Feira da Kantuta, no bairro Pari, com artesanato, comidas, músicas e outras expressões artísticas da Bolívia, que costuma atrair 2 mil pessoas aos domingos.

De uma maneira geral, percebe-se que os trabalhos desenvolvidos pelas organizações de imigrantes ao longo dos últimos anos têm sido reconhecidos por diversas esferas sociais (Estado, sociedade civil, Igreja etc.), com destaque para sua contribuição no reforço da diversidade e expressão cultural e em iniciativas variadas que contribuem para um melhor acolhimento e integração.

Por terem a capacidade de reunir imigrantes e integrá-los em permanente contato, essas organizações costumam desenvolver potenciais condições para informar, sensibilizar e promover mudanças, constituindo-se como espaços privilegiados de organização de pertencimentos cultural e comunitário e de participação. E, tendo em conta que as organizações têm uma intervenção decisiva na realização de festividades, tais eventos culturais, artísticos e folclóricos assumem papel relevante na vida social dos migrantes.

O MITO DA HOMOGENEIDADE

É justamente em torno dessa mobilização e participação em prol de alguma atividade artística e cultural, bem como na rotina que essas atividades impõem ao cotidiano, que se estabelecem os vínculos sociais, ou seja, um laço que une imigrantes e não-imigrantes em uma complexa rede de papéis sociais complementares e relações interpessoais que são mantidas por um conjunto informal de expectativas mútuas e comportamentos prescritos (MASSEY et al, 1987).

⁶ Fonte: PLANETAAMERICLATINA.COM.BR. Acesso em: 20 jan. 2016. Disponível em: <<http://www.planetaamericalatina.com.br/artigo/haddad-veste-a-camiseta-eu-amo-bolivia-e-manda-recado-para-evo-morales>>.

De acordo com Herrera (2013, p. 24), esses vínculos não são neutros, nem sempre organizados mediante normas de solidariedade social. Se por um lado, ao se organizarem na construção de vínculos sociais, os imigrantes conseguem vivenciar uma experiência de protagonismo, autonomia e empoderamento como mostrado nos discursos anteriores, por outro enfrentam conflitos diários (se não entre membros do próprio grupo, de um grupo para outro), normas hierárquicas e burocráticas que põem constantemente em xeque a solidariedade e o sentimento de bem estar comum envolvidos.

Em uma reflexão sobre as práticas associativas de imigrantes, Furlanetto (2007) considera que a forma como esses imigrantes se organizam e intensificam suas relações por meio de mecanismos de ajuda mútua e de solidariedade gera novos espaços e significados no país de acolhida. De acordo com a autora, no decorrer da dinâmica cotidiana e das inúmeras adaptações, “essa prática associativa adquire novos significados através de uma mediação entre a (re)criação de uma identidade coletiva [...] e os costumes diversos de um grupo que, apesar de heterogêneo, em vários momentos, necessita demonstrar coesão” (FURLANETTO, 2007, p. 07).

Barreiros (2010) também foca a questão da interação e trocas materiais e simbólicas no estabelecimento das organizações de imigrantes. Segundo seu estudo, em uma sociedade ninguém está em algum momento totalmente integrado, tantas são as esferas e tão diversos são os interesses pessoais que levam a situações de fronteira ou exclusões voluntárias. Essa lógica tende a se reproduzir nas organizações migratórias. “Se elas [as organizações] podem constituir, muitas vezes, o cerne de conflitos entre membros do grupo, nelas também residem as possibilidades de sua superação” (BARREIROS, 2010, p. 05).

No caso das organizações estudadas, apesar de tentarem demonstrar união por meio de suas atividades, as divergências, como em qualquer relação humana, são presentes e ocorrem: entre os membros do grupo (motivadas por diferenças socioeconômicas, educacionais, comportamentais, ideológicas etc.); e entre grupos (motivadas por competição no que diz respeito à estrutura, lucro, quem pode mais, quem é mais renomado, quem representa melhor o país de origem etc.).

Mesmo organizados em grupos, de maneira nenhuma o *estar-junto* do imigrante é sinônimo de homogeneidade e bem-estar. Pelo contrário. Apesar de alguma afinidade a partir de uma identificação coletiva comum (construída pelas identidades culturais, étnicas, sociais e nacionais), os conflitos, divergências de ideias e atitudes são característicos de todos os grupos.

Especialmente no contexto estudado aqui, o das festividades e repertórios culturais, podem ganhar força uma vez que as manifestações e movimentos artísticos contribuem,

historicamente, para mudanças na sociedade, no que diz respeito ao despertar da crítica para situações de preconceito, exploração e vulnerabilidade, da sensibilidade, do enriquecimento da experiência humana etc. “Implica às vezes a dificuldade de assumir a interculturalidade. Quer dizer, aceitar que a sociedade em que vivemos se modifica pela presença de outros modos de vida, outras religiões, outras línguas” (CANCLINI, 1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesses arranjos, construídos para este artigo a partir da participação dos imigrantes em festividades artísticas, folclóricas e culturais, múltiplas formas de pluripertencimento se afloram, alavancando a manifestação de sentimentos (manutenção, reavivamento ou ressignificação) de conexão entre os sujeitos, revelando a defesa de interesses partilhados e produzindo novos significados. Enfim, é a vida que segue compartilhada em sociedade.

O associativismo e a solidariedade, nesse sentido, figuram como uma questão de engajamento em torno de um bem comum: preservar a identidade diaspórica frente a outras realidades. O resultado são discursos politizados, nos quais as festividades artísticas e repertórios culturais envolvendo o país de origem na sociedade receptora se tornam elementos de base.

Sabemos que a subjetividade é produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais. “Os dispositivos de produção de subjetividade podem existir em escala de megalópoles, assim como em escala dos jogos de linguagem de um indivíduo” (GUATTARI, 1992, p. 33). Nesse sentido, podemos entender tais organizações ainda como a materialização dessa condição contínua de deslocamento que faz com que os imigrantes vivam oscilando com fluidez e mobilidade numa flexibilidade de pertencimentos e construção de identidades constantes, em uma enorme diversidade de comportamentos e representações.

É como diz Bourdieu (1983, p. 193):

Haveria toda uma análise a ser feita a respeito das maneiras de um grupo se constituir como grupo; de constituir sua identidade e simbolizar a si mesmo; [...] supõe a representação no sentido da delegação, mas também do teatro, é uma alquimia muito complicada onde o efeito próprio da oferta linguística, da oferta de discursos já constituídos e de modelos de ação coletiva desempenha um papel muito importante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- APPADURAI, Arjun. (2009). *O medo ao pequeno número – Ensaio sobre a geografia da raiva*. São Paulo: Iluminuras.
- BADA, Xóchitl. (2014). *Mexican Hometown Associations in Chicagoacán – From Local to Transnational Civic Engagement*. New Brunswick, New Jersey, and London: Rutgers University Press.
- BAENINGER, Rosana. (2012). O Brasil na rota das migrações latino-americanas. In: BAENINGER, Rosana. (Org.). *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas: NEPO/Unicamp; Fapesp; CNPQ, Unfpa.
- BARREIROS, Pedro Miguel C. M. (2010). *Associativismo e práticas culturais como veículo de integração dos imigrantes*. Dissertação de Mestrado em Serviço Social – Universidade Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.
- BOURDIEU, Pierre. (1983). *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. (2010). Associativismo em contexto migratório. *Revista Migrações*, N.6, pp.39-58, Lisboa.
- CANCLINI, Néstor Garcia. (1998). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo, Edusp.
- CASTELLS, Manuel. (1999). *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*, vol.1. São Paulo: Paz e Terra.
- CLIFFORD, James. (1994). Diasporas. *Cultural Antropology*. Further Inflections: Towards Ethnographic of the future, vol.9, n.03, p.302-338.
- COGO, Denise. (2014). Haitianos no Brasil: comunicação e interação em redes migratórias transnacionais. *Chasqui*, N. 125, Março de 2014, pp. 23-22.
- _____. (2012). Cidadania comunicativa das migrações transnacionais: usos de mídias e mobilização social de latino-americanos. In: COGO, Denise; ELHAJJI, Mohammed; HUERTAS, Amparo. (Eds.). *Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais*. Belaterra: Instut de la Comunicació de la Universitat Autònoma de Barcelona. pp.43-66.
- DANIEL, Camila. (2013). *P'A crecer en la vida – A experiência migratória de jovens peruanos no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- DUARTE, Jorge. (2011). Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas. p.62-83.
- ESCUDEIRO, Camila. (2007). *Imprensa de comunidades imigrantes de São Paulo e identidade: estudo dos jornais ibéricos Mundo Lusíada e Alborada*. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo.
- FREITAS, Sônia Maria. (1999). *Falam os Imigrantes... Memória e Diversidade Cultural em São Paulo*. São Paulo: [s.n.].
- GALEANO, Eduardo. (2005). *As veias abertas da América Latina*. São Paulo: Paz e Terra.
- GIL, Carlos. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- GUATTARI, Felix. (1992). *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34.
- HERRERA, Gioconda. (2013). Gender and International Migration: Contributions and Cross fertilizations. *Annual Review of Sociology*, vol.39, pp.471-489.
- LAHMEYER LOBO, Maria Eulália. (2001). *Imigração Portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec.

MASSEY, D. S., ALARCON, R., DURAND, J., e GONZALEZ, H. (1987). "The Social Organization of Migration". In: _____. *Return to Aztlan: The Social Process of International Migration from Western Mexico*. Berkeley: University of California Press, p.139-171.

OLIVEIRA, Carla Mary S. (2003). *Saudades d'além mar: um estudo sobre a imigração portuguesa no Rio de Janeiro através da revista Lusitânia (1929-1934)*. Tese de Doutorado em Sociologia –Universidade Federal da Paraíba.

PASCAL, Maria Aparecida Macedo. (2005). *Portugueses em São Paulo: a face feminina da imigração*. São Paulo: Expressão & Arte Editora.

POTER, Stephen. (2005). Brazilians. *Encyclopedia of Chicago*. Chicago: UIC.

SILVA, Sidney Antônio da. (2012). Bolivianos em São Paulo: Dinâmica cultural e processos identitários. In: BAENINGER, Rosana. (Org.). *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas: NEPO/Unicamp; Fapesp; CNPQ, Unfpa.

_____. (2006). Bolivianos em São Paulo: Entre o sonho e a realidade. *Estudos Avançados*, Vol.20, N.57, São Paulo, pp.157-170.

WILLEMS, Emílio. (1946). *A aculturação dos alemães no Brasil*. [s.l.]: Companhia Editora Nacional.

Camila Escudero

Doutora em Comunicação Social. Pesquisadora bolsista do Real Gabinete Português de Literatura do Rio de Janeiro.